

OS TERREIROS DE CANDOMBLÉ DA REGIÃO METROPOLITADA DO RECIFE E O TRABALHO DOMÉSTICO MASCULINO

Julia Pininga de Lucena[1]
Zuleica Dantas Pereira Campos[2]

Resumo
O objetivo deste texto é descrever as categorias de trabalho doméstico masculino nos terreiros de Candomblé da Região Metropolitana do Recife. Abordaremos questões de gênero para entender a relação entre homem e mulher na construção social, levando em consideração suas diferenças na sociedade, no trabalho e na religião. Ao se falar de religiões afro-brasileira, devemos ter em mente que sua estrutura "eclesiástica" se organiza a partir da relação pai-mãe/filhos de santo e é a partir daí, que se estabelece a importância das pessoas dentro do culto, privilegiando muitas vezes o trabalho masculino. Com as mudanças sociais como urbanização, maior inserção feminina no mercado de trabalho e consequentemente no cotidiano religioso, essa hierarquia e os trabalhos dentro dos terreiros foram relativizados. A metodologia utilizada é baseada em leituras especializadas na temática e em pesquisas de campo com homens que ocupam diversos cargos nos terreiros da Região Metropolitana do Recife. Pretendemos com a pesquisa buscar entender a participação masculina e sua contribuição em atividades domésticas nos terreiros.

Palavras-chave: Gênero. Religiões afro-brasileiras. Trabalho.

Introdução

As relações de gênero permeiam nossa sociedade e os diversos âmbitos dela. Dessa forma não seria diferente ao observarmos a existência de uma disputa de poder dentro das religiões afro-brasileiras e, nesse caso, especificamente o candomblé.

Devemos ressaltar que a construção cultural do candomblé é patriarcal e que, mesmo as mulheres sendo a maioria das devotas e até possuindo cargos elevados e poderes dentro dos terreiros de candomblé do Recife, ainda existe uma marginalização feminina dentro desses espaços religiosos. Existem vários trabalhos que apenas homens podem fazer e vice-versa, porém devemos analisar que a

[1] Graduanda no curso de História na UNICAP, sendo bolsista da Unicap. E- mail: julia.pininga@hotmail.com
[2] Professora Titular do PPGCR da UNICAP, Doutora; E-mail: zuleica@unicap.br



construção de uma sociedade patriarcal e machista influencia a formação e a vivência dentro das religiões, seja ela de qualquer cunho.

Ao falar das religiões afro-brasileiras, devemos ter em mente que sua estrutura de hierarquia que se organiza a partir da relação pai-mãe/filhos de santo, e é dessa forma que se estabelece a importância das pessoas dentro do culto. Entretanto, acontece que muitas vezes o trabalho masculino é privilegiado. É necessário dizer que após transformações sociais, houve sim, modificações que refletiram na estrutura da religião, porém ainda estão presentes algumas desigualdades de gênero.

A questão de gênero entra para entender como opera as funções sociais dos homens e das mulheres e como isso reflete em vários âmbitos sociais, incluindo o trabalho e a religião. O primeiro local de trabalho associado às mulheres são aqueles relacionados ao cuidado de casa, já para os homens seu dever é fora dela. Devido uma série de fatores que ocorreram ao decorrer dos anos, houve mudanças sociais como urbanização e maior participação feminina no mercado de trabalho, ou seja, essas alterações mexeram na estrutura social e, consequentemente, no cotidiano religioso. Então, essa hierarquia e os trabalhos dentro dos terreiros foram relativizados.

Mais do que falar que existe uma diferença entres os trabalhos, é importante falar sobre o que isso reflete socialmente, é nesse recorte que se debruça a pesquisa com foco na religião. É importante ressaltar que atualmente pouco é produzido sobre o trabalho masculino, justamente porque nesse quesito as mulheres são os agentes mais presentes. A base estrutural social é baseada em um pensamento patriarcal, onde a mulher nasce para servir a casa e a família, então é muito difícil ver o homem tento sua figura ligada a esse aspecto, até mesmo porque a figura masculina acaba sendo “enfraquecida” quando relacionada a esses trabalhos.

Não obstante, apesar de pouco, se faz necessário desenvolver esse debate justamente para entender qual importância e contribuição masculina nas atividades domésticas do terreiro.

Através dessa discussão, pretendemos ampliar os conhecimentos sobre o assunto, analisando e descrevendo as categorias do trabalho masculino, levando em



consideração a hierarquia existente no Candomblé e entendendo as questões das diferenças dos gêneros na sociedade e de trabalho que existem entre eles.

Deve-se ter em mente as mudanças sociais que a entrada da mulher no mercado ocasionou, entre outros avanços, mas lembrando de que baseado no patriarcado e consequentemente no machismo, ainda está presente muitas permanências associadas aos papéis sociais de ambos. Assim, com todos esses fatores supracitados, propomos no decorrer da pesquisa discutir como se configura o trabalho doméstico masculino dentro do Candomblé.

Trabalho feminino

Sabe-se que a inserção da mulher do mercado de trabalho ocorreu mais tarde em relação ao trabalho masculino, pois os homens sempre estiveram no mercado de forma constante e bastante previsível. Para eles a sua atuação depende, quase que exclusivamente, de variáveis econômicas. Entretanto, para as mulheres, essas variáveis são bem mais complexas, e sua participação varia, devido aos fatores temporais, sociais, econômicos, culturais, institucionais e familiares. Essa problemática pode ser explicada pelo machismo, tanto em relação às mulheres serem discriminadas em certos âmbitos de conhecimento, como também os homens em não aceitarem ou temerem não serem bem vistos em profissões “femininas”.

Sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho, é preciso ter em mente alguns pontos. O primeiro, que o trabalho laboral não é apenas para a sobrevivência, mas sim, um modo no qual as mulheres utilizaram para sentirem-se integrada à sociedade, pois durante esses anos era a única forma de trabalho que era permitido que elas ocupassem. Desde o período de abolição, muitas camponesas e ex-escravas entram para o mercado de trabalho com o comércio, surgindo assim uma nova profissão; outra opção era a de doméstica. A educação formal era quase inexistente para a grande maioria, por isso esses trabalhos mais informais era a única opção. De certo modo o trabalho feminino corresponde e depende de como a organização social está funcionando naquele momento.

“No entanto, a entrada no mercado de trabalho não poupou as mulheres das atividades domésticas, que continuam sendo quase que exclusividade feminina em algumas camadas sociais” (CARDOSO. Pág 70). Quando a mulher entra no mercado de trabalho é levado em consideração toda a carga que se associa a anos.



A mulher precisa ser a dona do lar, onde toda a responsabilidade educacional dos filhos e dos cuidados com a família são colocados como suas únicas obrigações, por esse fator quando remetemos a todo e qualquer tipo de trabalho doméstico, colocamos a figura da mulher como a responsável por essas tarefas. Porém, na década de 1970, as mulheres brasileiras começam a sair de um trabalho doméstico e de ser pequenas artesãs para começarem a conquistar espaços majoritariamente masculinos, pode-se perceber que no mercado as mulheres foram ocupando diversas profissões tidas como masculinas, mas ainda há alguns setores com poucas representantes como nas áreas de engenharia, mecânicas de automóveis, policiais e detetives, entre outras.

Outro aspecto, é que ao passo que as mulheres ocupam profissões tradicionalmente masculinas, os homens permanecem nas mesmas áreas, por exemplo, são pouquíssimos homens que trabalham em trabalhos relacionados ao cuidado de casa, o trabalho doméstico. Esse afastamento masculino dos afazeres do doméstico é algo com raízes históricas que se faz ainda hoje permanente e é extremamente tóxico. Além de reforçar, não somente o estereotipo de mulher ser a dona de casa como também associa o trabalho masculino doméstico a algo que de algum modo ira comprometer a masculinidade, e quando ocorre de ter uma participação é vista como um favor, pois teoricamente essa é uma obrigação feminina.

> A participação da mulher no mercado de trabalho e consequentemente a sua contribuição para o orçamento doméstico nem sempre significam para todas as etapas do ciclo vital familiar, mudanças nas relações de poder (Cardoso: 1994). Ainda é difícil para os homens dividir com equidade os afazeres domésticos (CARDOSO. Pág 56).

Considerando todas as diferenças de trabalho entre os gêneros e as transformações ocorridas no decorrer dos anos que se questiona como se configura o trabalho doméstico masculino dentro do Candomblé.

Matrifocalidade

O conceito de matrifocalidade é no que diz respeito as relações dentro do âmbito doméstico onde mesmo com a presença masculina a figura feminina é a



maior autoridade. Essa presença mais marcante das mulheres não é por acaso. Ele é construído tendo base em toda carga machista e patriarcal que a sociedade se desenvolve, onde a mulheres nasce para cuidar da família e da casa enquanto cabe ao homem trabalhar e trazer o dinheiro para o sustento da família. Além de toda trajetória econômica e histórica deixando assim o terreno doméstico mais propenso a participação feminina.

> A exclusão do homem da casa é, em parte, apenas uma manifestação da separação cultural de gênero em esferas nitidamente diferentes, justificada socialmente por "tradição" e por "natureza". A "casa" é da mulher e a "rua" é do homem (SCOTT. Pág. 161).

Desde crianças as mulheres são associadas aos cuidados de casa, exemplo disso é quando vemos as brincadeiras e os brinquedos que são “típicos” femininos. É comum as crianças do gênero feminino serem presenteadas com panelinhas, fogão, bonecas bebês, entre outros, todos reforçando a ideia de que elas nascem para servir a casa e trabalhar como donas de casa como se fosse algo intrínseco as mulheres. Ao contrário, dos brinquedos masculinos que nada relacionam ao ciclo doméstico, apenas reforçam o estereotipo de masculinidade.

Com esse fato, observamos que pelas mulheres estarem associadas ao lar, então dentro dos terreiros a maioria dos trabalhos domésticos, são feitos por ela, com isso existe uma certa “dificuldade” de termos a figura masculina relacionada a trabalhos domésticos, porém atualmente com todo o desenvolvimento da sociedade, alguns homens estão adentrando nesse âmbito.

Chimamanda Ngozi Adichine é uma escritora nigeriana feminista, deu uma fala em uma conferência, em um trecho do seu discurso disse:

> Nós ensinamos as garotas a se encolherem, a se fazerem menores. Nós dizemos às meninas: você pode ter ambição, mas não muita. Você deve aspirar ser bem-sucedida, mas não muito bem-sucedida, senão você irá ameaçar os homens. Porque eu sou fêmea, espera-se que eu aspire pelo casamento, espera-se que eu faça minhas escolhas de vida sempre mantendo em mente que o casamento é a mais importante. O casamento pode ser uma fonte de alegria e amor e apoio mútuo, mas por que nós ensinamos as meninas a aspirarem pelo casamento e nós não ensinamos o mesmo aos meninos?



O ciclo de desenvolvimento doméstico é diferente baseado no gênero. O trabalho doméstico não é um projeto familiar masculino. Para o homem é mais fácil focar no trabalho e driblar as responsabilidades com filhos, justamente por eles não terem uma pressão social nesse quesito que as mulheres têm. Não obstante, existe sim uma participação masculina que deve ser levada em consideração ao ser debatido.

Cultura seu reflexo no trabalho e candomblé

Nas religiões de matriz africana a hierarquia é muito presente e isso influência nos trabalhos dentro do terreiro. A divisão sexual dos trabalhos ocupa uma posição de destaque em relação a outras religiões. Devido toda mudança social ocasionada pela inserção da mulher no mercado de trabalho, como também, as transformações no cotidiano religioso dos terreiros, esse cenário muda.

> A concepção do que é masculino e feminino é modelado pela cultura. Nesse sentindo, existem conteúdos diversos de acordo com a sociedade. Todavia, encontramos também uma propensão geral de desigualdade entre homens e mulheres. Gênero, então envolve a soma de atividades sociais e a divisão sexual do trabalho corresponde aquele aspecto do gênero que diz respeito ao mundo do trabalho. A divisão sexual do trabalho designa posições sociais diferenciadas para homens e mulheres no trabalho. Ou seja, existe uma assimetria nas relações de gênero no trabalho (CARDOSO. Pág 64).

Deve-se ter em conta que para entender as divergências culturais há uma série de fatores que são importantes para nortear o entendimento. O gênero é um desses dados importantes para entender como a ordem cultural interfere na organização social e de trabalho.

A lógica cultural interfere na lógica prática do trabalho. E entendendo que a cultura e o gênero são estruturadores da sociedade, que é utilizado para diferenciar e separar o que é trabalho masculino e o que é trabalho feminino. A cultura norteia o entendimento da experiência humana e suas práticas, ela se expressa por meio de símbolos aonde de certa forma organiza as relações sociais.

As permanências sociais e culturais se refletem no aspecto da religião ao passo que os trabalhos dentro do Candomblé seguem uma certa divisão sexual do



trabalho. Apesar de – como já dito, terem ocorrido mudanças ainda existem certas permanências. Para exemplificar, Pereira diz o seguinte:

> Um terreiro de Xangô se baseia fundamentalmente na relação pai-mãe/filho de santo. É a partir desta relação que se desencadeiam todos os graus de importância das pessoas dentro do culto. De acordo com o papel que cada integrante assume na hierarquia, exige-se uma série de obrigações sob a pena de ser castigado pelo Orixá, sendo o mediador do castigo o pai ou mãe de santo. Isso cria uma rede de poderes e subordinação dentro da comunidade, tanto diante dos Orixás, como perante os superiores (o pai ou mãe de santo) (Pereira, 1994, p.72).

Essa hierarquia e divisão sexual é vista nas funções que cada um irá fazer na cerimônia. Existem cargos específicos para o preparo das oferendas, para a fiscalização do preparo das oferendas, é preciso alguém para marcar as datas das cerimônias públicas ou privadas, além de ter as cerimônias de iniciação e de fiscalizar todo o processo de iniciação. É importante falar que como existem diversas nações de Candomblé, essa divisão sexual do trabalho e de certo modo a hierarquia, pode mudar de terreiro para terreiro.

Homens no candomblé

Como já foi dito, após transformações sociais que acarretaram a entrada da mulher no mercado de trabalho o que faz elas saírem um pouco mais do ambiente doméstico, acarretou mudanças na conjuntura social e consequentemente em diversos âmbitos como no trabalho, na demografia e também na religião, inclusive na hierarquia do candomblé. Uma dessa mudanças é a participação do homem em trabalhos domésticos, como por exemplo, a entrada dele na cozinha, área dominada pelo gênero feminino. A grande maioria ainda são as mulheres, mas é importante pontuar essa entrada, pois a alguns anos ter um homem exercendo esse papel era muito improvável.

É interessante notar que mesmo o candomblé sendo uma religião de predominância feminina, até assim os homens gozam de privilégios que os seguem em qualquer esfera social. No candomblé os homossexuais são recebidos com naturalidade, a orientação sexual não é um empecilho para que eles exerçam sua fé, até para pais e mães de santo não há essa discriminação que existem em outras



religiões. Inclusive são esses homens homossexuais que ocupam uma maior porcentagem quando falamos dos homens que executam as funções domésticas.

> Em 1969, René Ribeiro publicou um ensaio no qual sustenta que a homossexualidade masculina não era rara em cultos semelhantes' no Recife. Da sua amostra de 60 membros e líderes masculinos de culto, "34 deles (57%) demonstraram graus variados de desequilíbrio emocional e comportamento desviante, desde homossexualidade declarada ou dissimulada até problemas de adequação sexual e de alcoolismo (Ribeiro, .1969: 113). (FRY, Pág. 54).

Apesar de antiga e bastante problemática e preconceituosa por retratar como “desequilíbrio emocional”, esse trecho foca na uma quantidade considerável de homossexuais nos terreiros, mostrando que esse assunto dentro das religiões afro-brasileiras não é um tabu. A população LGBT sofre preconceitos dentro da nossa sociedade e apesar dos terreiros serem um espaço aberto e livre para eles, nem sempre estão totalmente isentos da cultura heteronormativa. Durante muito tempo os homens homossexuais eram considerados menos homens por conta da sua orientação sexual ou por conta dos trejeitos e por isso tinham uma ligação forte com as mulheres, talvez essa questão explique o porquê da participação nos trabalhos domésticos do terreiro, por eles se aproximarem mais de uma “figura feminina”.

Considerações finais

Devido a noção de gênero na sociedade são segregados diferentes papéis sociais para homens e para mulheres. Essa diferença é desenvolvida baseada em uma construção histórica que permanece até hoje, apesar de algumas transformações ainda temos diariamente que lidar com certos estigmas, como por exemplo, a do trabalho doméstico voltado às mulheres. Na religião não seria diferente, pois essa estrutura patriarcal das relações de gênero permeiam a sociedade em diversos âmbitos. Nesse trabalho específico relacionado ao Candomblé, religião com uma base hierárquica forte que também reproduz certas questões relacionadas a diferença de gênero. Pouco se fala sobre o homem como agente no trabalho doméstico, mas apesar de pouca ela existe e precisa ser debatida para compreender como funciona e no que influência o papel deles nesse âmbito dentro dos terreiros.



Referências

CARDOSO, Maria Grazia C. **Família, gênero e empresa: o comércio no Bairro de São José**. 2006. Tese (Doutourado em Antropologia) Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife,1994.

FRY, Peter. **Homossexualidade masculina e cultos afro-brasileiros.** In: ___para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1982.p. 54-73.

PINHEIRO, Joel Carrion. **Trabalho Femino no Brasil:** Análise da evolução da participação da mulher no mercado de trabalho (1959-2010). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

SCOTT, Parry. **Família brasileiras: poderes, desigualdades e solidariedades.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.